

PONDÉ, Luiz Felipe. *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura.* São Paulo: Edusp, 2009, 258 p. ISBN 9788531411755.

Rodrigo Coppe Caldeira *

Os leitores do Jornal Folha de S. Paulo já o conhecem por algum tempo pelas leituras da Ilustrada nas segundas-feiras. Com sua perspectiva ácida e marcadamente pessimista, Luiz Felipe Pondé, professor da Pós-Graduação em Ciência das Religiões da PUC-SP, lançou no final de 2009 seu último livro, *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura*. Partindo de um repertório que mescla psicanálise, filosofia, teologia, mística e literatura, Pondé apresenta nesse livro suas últimas reflexões sobre temas variados, mas sempre lançando críticas profundas ao “marketing da felicidade”, tão caro à modernidade e seu projeto de “auto-salvação”.

Segundo o próprio autor, à “formação epistemológica de viés cético e pragmático assuaram-se a três tradições teológicas: grosso modo, o agostinismo jansenista ou reformado, a mística ortodoxa do deserto e a filosofia judaica contemporânea” (p. 15). Dessa forma, Pondé, em seus ensaios, traz uma reflexão admiravelmente bem fundamentada em uma abrangente literatura – e nas mais variadas escolas de pensamento – na defesa da hipótese que parece perseguir com afinco: a insuficiência humana frente a um mundo naturalmente hostil ao homem. A categoria cara ao filósofo substancia-se na “disfunção” – conceito que está entre o *phátos* e a *physis* – e tal caráter indelevelmente humano, marcará sua compreensão das várias facetas deste homem – “que tende inexoravelmente à dissipação” – “sistema insustentável”.

No primeiro de seus ensaios – *Do pensamento no deserto – do método negativo em filosofia da religião* – Pondé esclarece os pressupostos de seu “pessimismo metodológico”. Um primeiro ponto é a crítica à metafísica lançada a partir de sua leitura do filósofo judeu Rosenzweig: a filosofia essencialista é uma “reação sofisticada a esse fato inexorável: o medo da morte e recusa da temporalidade intratável, espaço onde se instala a dissipação” (p. 19).

* Professor e pesquisador da PUC-Minas.

Para Pondé, a categoria de disfunção não está carregada de negatividade, já que, ao falarmos em “ser vivo humano”, ela é a regra não a exceção. A partir desse ponto, o autor assume a perspectiva de uma condição trágica da condição humana, apontando e esclarecendo alguns pontos de suas principais influências: a psicanálise, o ceticismo, a sofística e o pensamento platônico, Nietzsche, Henri Bergson, Blaise Pascal, Meister Eckhart, o utilitarismo, o pragmatismo – entendido “como uma reflexão radical acerca de como pensar na contingência” (p. 48) – e o pensamento místico. São destas influências que Pondé vai construir sua crítica às influências do humanismo na filosofia e na teologia. Vaticina: “O pessimismo se deve ao desdobramento dessa negação: o homem jamais será feliz como ser de natureza, pois seu fim no mundo natural é a dissipação (...) o fim do humano é pó, pois nada se sustenta na forma desse mundo” (p. 41).

Pondé chega à “hipótese de Deus” – ou ao pensamento místico – como indicação da vacuidade humana, no sentido de que “a atividade noética em contato com o ‘objeto irrepresentável’, produz necessariamente a dissolução de tudo que é representável: ao se despedaçar contra o inefável, a linguagem esvazia seus *nomes* no esforço de conter o infinito” (p.46). Dessa forma, para o filósofo, a “psicologia atormentada, humanismo ridículo e niilismo revolucionário moderno” são na realidade a consciência do vácuo que acompanha o ser humano.

Nos outros nove ensaios que seguem, Pondé traz à tona estas referências primeiras que vão caracterizar seu “pensamento no deserto”. Em seu *Da negatividade em filosofia da religião em Pascal – Uma crítica da razão infeliz*, o filósofo trata mais uma vez do objeto de estudo de seu doutorado a fim de pensar a chamada *filosofia da religião*. *Mais c’est quoi, La philosophie de la religion?* Partindo dessa questão central, o autor visa responder que tipo de filosofia da religião pode-se encontrar no pensamento de Blaise Pascal. Responde: Pascal está muito próximo do *ceticismo antropológico* reformador, integrante, assim sendo, de uma *episteme* agostiniana. Dessa forma, sua crítica tem como alvo aquela antropologia humanista da suficiência humana. Para tanto, lança sua famosa aposta, que Pondé verá como um âmbito de “sua consistência como instrumento de negatividade filosófica” (p.66).

No ensaio do capítulo 4 – *Consciência apofática* – o filósofo aproxima-se do pensamento místico para desenvolver sua crítica de uma razão suficiente a partir de uma

reflexão em torno da linguagem. O autor lança uma crítica feroz contra uma certa epistemologia “em cultura”, que se desdobra em um “fundamentalismo socioculturalista” impossibilitador de uma escuta mais acurada do “objeto religião”. Refletindo suas bases pragmáticas, Pondé acredita que a tradição apofática cristã – aquela que parte de um *conhecimento* negativo de Deus – “produz um tipo de cognição que ilumina por afirmar uma negatividade de efeito pragmático, sem sofrer com a *neurose* semântica referencial” (p. 76). A partir daí aponta para alguns elementos teórico-empíricos dessa “ignorância que conhece”, calcando-se nos pensamentos de Abraham Joshua Herschel, Leo Strauss, Gregório de Nissa, Pseudo-Dionísio, Máximo Confessor e Gregório Palamas, Meister Eckhart e Mechtild Von Magdeburg. Para o filósofo, “a narrativa da consciência mística oferece ao estudioso da religião, por sua vez, a consciência epistêmica de que na atitude negativa existe uma gnose com relação à realidade da linguagem referencial: sua vacuidade estrutural” (p. 82).

No capítulo 5 – *Do humanismo ridículo* – Pondé, como se já se nota no próprio título, faz sua crítica do humanismo, entendido como um discurso de auto-suficiência humana ontológica. Para ele, o termo não carrega consigo uma evidência pura e simples, mas é carregado por instabilidades semânticas e pragmáticas. É um termo que trata da vontade humana, mais precisamente, de sua autonomia e validade. Pondé se utiliza de Lutero e Pascal, do “desencaixe” entre filosofia e teologia na Paris do século XIII e da reflexão de Pico de la Mirandola para dialogar com o termo, acreditando que o “mito do ‘humano’ (esse universal tardio, refugio da navalha de Ockham) é uma construção a serviço de nossa ‘auto-imagem’, isto é, o orgulho” (p. 90).

O sexto ensaio da obra – *Epístola a Platão – formação e teologia* – é um dos mais densos. Nele, Pondé faz sua crítica feroz às ciências humanas nas suas formas reducionistas da experiência religiosa – “religião é (somente) um sintoma psicológico e social a ser exorcizado” (p.112) – e discute qual o papel de uma reflexão em torno do fenômeno religioso para o que vem a ser “formar pessoas”. O autor defende a idéia de que a teologia, sob a influência da oração do humanismo, ficou à mercê de um instrumental do *business management* para se tornar mais palatável ao homem contemporâneo, consumidor voraz de produtos de felicidade. Segundo Pondé, “um ensino que dialoga com a religião deve buscar criar um desconforto ontológico radical” (p. 120). Para ele, só é possível a “formação” se a

prática pedagógica estiver contaminada pela “demanda de verticalidade”, isto é, trazer à tona aquele campo onde se encontra a nossa estranheza para com a natureza.

Partindo do conceito de *náufrago*, de Karl Jaspers, Pondé afirma que a formação deve ser pautada por uma pedagogia para o abismo, ou seja, uma *paidéia para o abismo*: “por ‘paidéia para o abismo’ entendo exatamente uma atitude que leve os envolvidos no processo a um embate frontal com o tema do relativismo e niilismo (...), temas centrais para a reflexão pedagógica hoje. Penso que grande parte do pensamento religioso ocidental está preparado para esse embate” (p. 121). Porém, vaticina: “Mas, para dialogar com o relativismo faz-se necessário uma inteligência teológica a sua altura” (p. 121). Para Pondé, não pode haver *formação* sem se passar pelo “deserto de sentido do niilismo (...) sem sofística e sem esforço de transcendência” (p.122). Não existe formação sem a apreensão do movimento socrático-platônico de combate à sofística, passando pelo niilismo e sem a geração da agonia, “matéria-prima do movimento formador” (p. 124). Segundo o filósofo, toda pedagogia deveria ser teológica, na medida em que ela dialogue com a angústia estrutural humana.

No capítulo 7 – *A dissolução do conceito de natureza e o processo civilizador da matéria* – o autor concentra-se na temática que percorre os modos de vida e atividades que produziram a espécie humana. Para o filósofo, a prática da biotecnologia genética tomará a mesma amplitude da revolução da agricultura, a fase de organização social que veio logo depois do nomadismo, levando-nos a “um abismo ontológico de dimensões gigantescas” (p. 141). A partir da análise de alguns filmes como *Blade Runner* (Ridley Scott) e *Gattaca* (Andrew Niccol), Pondé trata da atual visão de como poderá se dar os desdobramentos da banalização do uso da genômica. A polêmica entre Jürgen Habermas e Peter Sloterdijk também é analisada brevemente, fazendo o autor pender mais para o escritor de *Regras para o parque humano*.

No oitavo ensaio – *Da ciência e do medo* – Pondé continua a tratar da tecnociência e da genômica, contudo a partir de outros conceitos. Assume o medo humano como estrutural – na esteira de Mircea Eliade e sua concepção de “terror da contingência” –, trata de concepções góticas, tendo como interlocutor H.P. Lovecraft, Fiedler, J.E. Hogle. Dialoga também com Theodor Adorno, Pilar Vera Rodríguez, George Simmel, Peter Berger, Thomas Kuhn, Pico de la Mirandola entre outros. Para o autor, alguns vocabulários

teológicos “carregam uma força mais próxima do que está em jogo no Gótico” – isto é, a tradição agostiniana – “justamente porque lidam com entidades que ferem a continuidade natural da ontologia do mundo humano” (p. 161).

É o desejo – nas duas visões –, assim entendido, como força de concupiscência “(da carne, do conhecimento vão da mecânica do mundo e do orgulho do homem que quer ser a causa eficiente e suficiente de si mesmo)”, “um dos mais poderosos motores do caos na história humana” (p. 161-162). O autor liga o medo à ciência a partir da figura de Frankenstein, de um “novo Frankenstein” que tem como tarefa “ultrapassar os limites de qualquer tipo: morais, naturais, estéticos, sociais” (p. 162).

No rico capítulo 9 – *Teorias da religião – Dois exemplos de crítica ao uso do conceito de cultura no estudo da religião em Leo Strauss e Franz Rosenzweig* – Pondé retorna à questão religiosa partindo de chaves interpretativas do mundo teológico judaico. Dessa forma, o autor, neste ensaio, aponta par algumas de suas frentes de trabalho atuais: “grosso modo, pensamento judaico contemporâneo, epistemologia na contingência e revisão da redução da categoria de religião à de cultura” (p.183). Para tanto, discute um artigo e duas cartas de Franz Rosenzweig e dois artigos de Leo Strauss que questionam a redução da religião à cultura. Se Strauss é direto na sua crítica à “culturalização” da religião, Rosenzweig é menos explícito, mas assume posição ao criticar a “humanização de Deus e de Jesus” levado a frente pelos cristãos liberais e a “redução da categoria de Revelação à de mito” (p. 184).

No penúltimo ensaio da obra – *Os olhos do macaco – um relatório para a academia* – o autor parte da obra de Kafka para tratar de uma de suas hipóteses: a inviabilidade cognitiva. Segundo o autor, “há uma gnose em Kafka e não uma epistemologia, termo quase burocrático” (p. 229). A partir de uma leitura de um dos romances do escritor judeu, *O Castelo*, o filósofo vai defender que é possível encontrar uma ontologia na obra kafkaniana e pela qual se pode fazer uma análise crítica da Academia.

Pondé faz uma defesa do conhecimento epistemológico na universidade, chamando de “experiência epistemológica” a “consciência de que a percepção referencial do mundo é, no limite, inconsistente” (p. 226). Com isso, o autor visa apontar o que chama de dogmas das práticas acadêmicas e seus usos retóricos. A partir de Kafka faz a crítica ao

mundo da academia, afogado em burocracias e metas de produtividade – embaladas pelas estatísticas *by Lattes* – em busca sempre de maior eficácia.

No último ensaio – *Teologia do niilismo – a inteligência do mal*, Pondé trata de uma das questões mais impertinentes para o homem: o mal. Para isso traz a obra de Dostoievski, já que para o filósofo, “existir é contemplar o abismo. A filosofia de Dostoievski é essa contemplação, sem medo” (p. 239). Nos dias atuais há uma clara recusa de se compreender que o mal existe como substância ontológica – o que a própria patrística fez. O mal não teria substância, não seria algo em si, “mas função de estruturas históricas, sociais, políticas materializadas em normas e hábitos culturais” (p. 240). Pondé visa demonstrar que forma de ganho pode-se ter com certo tipo de relação entre filosofia, ciências humanas, religião (teologia), especialmente a cristã da forma que aparece em algumas obras de Dostoievski.

Para o autor, a filosofia renascentista, que afirma a autonomia humana associada a um otimismo em relação aos avanços comerciais e científicos, atingirá maturidade nos movimentos revolucionários, no pensamento utilitarista e secular. Segundo Pondé, tal debate pode ser vislumbrado na obra de Dostoievski. É para a experiência do Nada que o autor chama atenção. Para ele, “se por um lado, a experiência desse Nada pode ser vivida (afetivamente, moralmente ou intelectualmente) como esvaziamento da santidade (*kenósis*) ou da mística (aniquilamento gozoso), por outro lado, pode ser vivido (afetivamente, moralmente ou intelectualmente) como incorporação da des-graça em ação, despedaçamento [...]” (p. 248). E é isso que chama de “inteligência do Mal” e que Dostoievski, em *Crime e Castigo*, *Os demônios* e *Irmãos Karamazov* toca em alguns momentos. Uma das conclusões é que, para o autor russo, o “cristianismo é uma teoria e prática que compreende o risco do Nada e da liberdade, mas não se deixa levar pela paixão intelectual por este tipo de consciência” (p. 253).